

Conferência final

NÃO TEMAIS: MAIS VALOR TENDES VÓS QUE NUMEROSOS PARDAIS!

Querida Madre Abadessa e Padres Abades Presidentes,
Querido Pe. Procurador Geral Lluc, Querido Pe. Procurador emérito Meinrad,
Queridas Madres Abadessas, Padres Abades, Madres Prioras, Padres Piores
e todos os membros do Capítulo Geral,

Ao final deste Capítulo Geral, creio que não seja necessário repetir ou resumir tudo aquilo que dissemos, que discutimos e as decisões que tomamos. Creio seja, ao invés, importante pararmos, um momento, para perceber o que aconteceu nestes dias, porque é isto aquilo que devemos levar conosco, transmitir às nossas comunidades, e deixar fermentar, como fermento novo, na massa da nossa Ordem.

Deus não nos esquece

Ontem, no Evangelho da Missa, Jesus nos dizia: "Não se vendem cinco pardais por dois asses? E, entretanto, nem um só deles passa despercebido diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais: Mais valor tendes vós que numerosos pardais." (Lc 12,6-7).

Não sei bem para que coisa se vendiam ou compravam os pardais nos tempos de Jesus; provavelmente para comê-los; portanto, em si, é paradoxalmente, em uma situação que leva a morte, que Jesus vê o sinal mais evidente da providência de Deus. E talvez, quando diz que os nossos cabelos estão todos contados, pensa também nos fios que caem... No Evangelho segundo Mateus, Jesus insiste ainda mais na atenção do Pai para aquilo que é precário: "Não se vendem dois passarinhos por um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai" (Mt 10,29).

Eis que todos nós, temos toda a tendência de nos sentir esquecidos por Deus quando, por uma razão ou outra, nos sentimos desfalecer, diminuir de número, de forças e qualidade. Então Cristo nos coloca diante a realidade do Evangelho, que não é diferente da realidade que temos sempre diante de nossos olhos, porque os pardais os vemos, e vemos que não são pássaros preciosos, e sabemos que no mercado se compra por pouco, porque existem muitos. E também os cabelos, os vemos todos os dias, pelo menos aquele dos outros, e vemos que é impossível contá-los, e que caem facilmente. Bem, esta realidade cotidiana, torna-se realidade do Evangelho, quando a olhamos com os olhos de Jesus, com os olhos cheios de fé e de paixão pelo Pai. Jesus não podia olhar um pardal, não podia olhar, nem

mesmo, um fio de cabelo, sem pensar no Pai, sem encher-se de memória apaixonada pelo amor do Pai. E é este olhar de Jesus, que nos revela a realidade, toda a realidade, que não é tanto toda a realidade do universo, mas toda a realidade do universo iluminada pela Providência, pela misericórdia de Deus.

Nestes dias, muitas vezes voltou entre nós a exortação à *lectio divina*, à meditação da Palavra de Deus, como fonte de paixão e fervor no viver a nossa vocação e missão. No fundo, todas as práticas da vida monástica servem justamente para acender em nosso coração e em nosso olhar, o olhar de Jesus que nos revela a face inteira da realidade, de tudo aquilo que existe, de tudo aquilo que acontece. E isto nos mostra que a realidade, a vida, é bela, cheia de sentido, boa, porque tudo é abraçado pela atenção e pela vontade do Pai. Deus não nos esquece, Deus não nos deixa cair se esta não for uma sua vontade, portanto, um misterioso fato de seu desígnio bom sobre nós e sobre o mundo. E Deus não nos esquece, sobretudo, quando somos poucos e sem valor, como dois pardais de 50 centavos cada um.

Se lhes abriam os olhos

Creio, ou melhor, vi convosco, que nestes dias recebemos o dom de olhar-nos uns aos outros e de olhar nossas comunidades e a Ordem com este olhar envagélico de Cristo. E é exatamente como para os discípulos de Emaús que, de repente, "Se lhes abriam os olhos"(Lc 24,31) para reconhecer que Jesus estava vivo e presente no meio deles.

"Se lhes abriam os olhos": que expressão estranha, no fundo. Normalmente dizemos que abrimos os olhos, isto é, que somos nós a decidir e querer quando abrimos nossos olhos. Também, dizemos que "nos fecham os olhos" quando temos sono, como por exemplo, durante uma conferência do Abade Geral. Mas normalmente não pensamos que nossos olhos podem-se abrir sozinhos.

Quando isto acontece, ficamos maravilhados, porque de repente a realidade se revela em toda a sua totalidade, em toda a sua beleza, porque a vemos em Deus e cheia de Deus, em Cristo e habitada por Ele. E entendemos que este fenômeno não pode ser que uma graça que vem d'Ele; um fenômeno que nós não podemos provocar, mas apenas *reconhecer*, como uma criança surpreendida diante de algo bonito. Vimos, muitas vezes, no rosto radiante da pequena Maria nestes dias.

Depois, talvez, Jesus parece desaparecer imediatamente, e parece que a realidade volte como antes. Mas agora sabemos que a "realidade como antes" não é a verdadeira face da realidade, porque agora sabemos, embora o tenhamos visto somente por um instante, que a realidade é, por assim dizer, cheia de Jesus, que Jesus ilumina tudo, que a sua presença transfigura tudo. Imaginemos como a aparição do Ressuscitado transformou completamente aos olhos dos dois discípulos, a taberna de Emaús, onde tinham parado para comer! E depois, voltando para Jerusalém, imaginemos que novo olhar tiveram no caminho que já tinham percorrido na vinda! E o mais incrível, é que o retorno por aquela estrada, feito de madrugada e sem Jesus que os acompanhava, era agora infinitamente mais

luminosa e cheia de Cristo que na vinda, feita de dia e com Ele. Porque agora tinham os olhos abertos, ou melhor "se lhes abriram os olhos" à luz do Mistério que lhes fora revelado.

Em meio a nós

Como para os discípulos de Emaús, esta revelação aconteceu também em meio a nós. Necessitaria ter tido os olhos do coração vendados para não ter visto. Foi algo que me surpreendeu mais e, muitas vezes, durante este Capítulo Geral: que de repente abriam-se nossos olhos e víamos Cristo em meio a nós.

Víamos em meio a nós, em uma repentina inesperada unidade de opinião, de pensamento, de desejo de solidariedade, de compaixão recíproca, ou em uma situação dolorosa de algumas de nossas comunidades; na incrível, quase unanimidade de voto, em temas discutidos longamente, onde acreditávamos divididos; na misericórdia de uns para com os outros, desejando compreender nossas diversidades, melhor: felizes por sermos muito diversos na cultura, estilo, sensibilidade, porque vemos que, com tudo isto, Deus executa na Igreja uma sinfonia, da qual, somente Ele tem a partitura...

Vimos a presença de Cristo em meio a nós, na liberdade, com a qual, Pe. Meinrad depôs seu encargo de vinte anos de Procurador-Geral, mas também na disponibilidade generosa, com o qual, Pe. Lluc a acolheu.

Vimos no serviço generoso de todos aqueles que, além deles dois, organizaram e assistiram este Capítulo Geral: Agnese, Piotr, Elia, Pe. Galgano, Ir. Aline, Ir. Marina, Pe. John, Pe. Francesco, Annemarie, Ir. Tobias, Pe. Coelestin, e quem traduziu os textos... Todos generosíssimos e irradiantes na alegria de servir! Vimos Cristo em meio a nós em nossos hóspedes, em suas palavras, melhor: em seus testemunhos. E, obviamente, naqueles entre nós que prepararam relatórios, estudaram e expuseram os temas tratados. O Espírito Santo fez isto em meio a nós, o Espírito Santo encarnou o Verbo em meio a nós, como em Maria.

Dar testemunho

É disto que devemos dar testemunho; é com este desejo de testemunho que devemos voltar às nossas comunidades, que devemos voltar ao nosso ministério cotidiano. Depois de sua manifestação aos discípulos de Emaús, Jesus desapareceu, não para estar ausente, mas porque o sinal certo e luminoso de sua presença fossem os próprios dois discípulos.

Também nós, voltando para casa, encontraremos nossas comunidades como as deixamos, ao contrário: em certos casos, menores e mais frágeis, como Thyrnau onde faleceram duas Irmãs durante este Capítulo, ou Wilhering que perdeu ontem um padre. Mas é justamente às nossas comunidades, com todos seus problemas e dificuldades, que o Senhor nos manda testemunhar que não é um sonho que Ele apareça, que não é um sonho que Ele esteja em meio a nós, que não é um sonho ou utopia que Ele saiba transformar, surpreendentemente, a realidade miserável da

nossa vida, dos nossos encontros, dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos, das nossas palavras.

Não se trata tanto, ou apenas, de contar aquilo que vivemos juntos, porque talvez não vão acreditar e dirão que foi uma ilusão, uma miragem coletiva, ou até mesmo, como depois de Pentecostes, que nos "embreagamos de vinho doce", aquele das colinas romanas (Atos 2,13). Também nós mesmos, com o passar dos dias e das semanas, começaremos, talvez, a pensar nestes dias como uma bela lembrança do passado, e portanto, como a um fenômeno que não se renova no presente de nossas vidas cotidianas. Mas o testemunho cristão não leva ao outro apenas uma recordação; leva uma experiência que acontece agora, que se renova a cada dia, cada momento, porque é a experiência da presença, em meio a nós, do Senhor ressuscitado que nos fala e age.

Aquilo que devemos apreciar, é porém, o fato que, se o Senhor nos fez realizar esta experiência nestes dias, nos fez realizar sublinhando alguns elementos essenciais da vida cristã, que devemos procurar não perder partindo daqui.

Antes de tudo, a importância da comunhão fraterna entre nós. Temos grande necessidade, nós superiores em particular, justo porque somos enviados para fazer companhia, para acompanhar, os nossos irmãos e irmãs. Quem se isola, quem se distancia, quem acredita poder fazer sozinho, talvez com orgulho de saber fazer melhor que os outros, mais cedo ou mais tarde, se perde, e perde a sua comunidade.

Uma comunhão entre nós, que nos torna mais atentos ao Senhor em meio a nós, e que portanto, compartilha o seu amor, a sua Palavra de vida eterna, o seu perdão, a sua alegria humilde e radiante sobre os outros. Uma comunhão entre nós, portanto, que continua na oração uns pelos outros, e cada um para todos. Uma comunhão entre nós que permanece atenta, vigilante sobre o irmão, a irmã, que somos uns para os outros. "Sou porventura o guarda de meu irmão?" (Gen 4). Sim, o somos!! Devemos ser, devemos ser entre nós. E, certamente, voltamos daqui, sentindo dentro também um certo remorso, porque não podemos ou quisemos estar realmente atentos ao cansaço e as dificuldades que alguns, e talvez muitos, entre nós, vivem em suas comunidades. Entre nós há, certamente, superiores e superiores que desejariam mais atenção, mais escuta, mais ajuda. Mas espero que todos percebam, pelo menos que, durante o Capítulo Geral, iniciou-se, para cada um de nós, um processo de vida no tempo que tende a não deixar sozinho nenhum superior, e portanto, nenhuma comunidade. Mas seremos responsáveis perante Deus, de não sufocar por negligência, preguiça, medo de perder a vida, os processos de comunhão que o Espírito inicia em nós e entre nós.

Não temais

Cristo, no fundo, nos pede para trabalhar em apenas um ponto, para permitir ao dom surpreendente da sua presença e luz, em meio a nós, de não se apagar: nos pede para não temer. "Não temais: Mais valor tendes vós que numerosos pardais." (Lc 12,7).

Não vos escondo que nas semanas que o antecederam, pensava ao Capítulo Geral, com temor. Temia não estar pronto, temia as possíveis divergências, temia o ressurgimento de conflitos passados, com este ou aquele membro do Capítulo, temia que fosse muito curto ou muito longo, temia o cansaço que comportaria para mim e para os outros organizadores, temia os possíveis resultados das votações e eleições... Enfim, temia um fantasma de realidade, isto é, uma realidade que não deixava lugar para a presença e para a obra de Deus em meio a nós. O temor é o esquecimento do Pai, da sua misericórdia e ternura por nós, para todos.

O temor é também uma forma de rejeitar um caminho de fraternidade e amizade com o próprio "inimigo". Em Cristo, aquilo que vence o temor do inimigo, não é a força de vencê-lo, mas a humildade de deixar-nos reconciliar por Deus com nosso irmão, com a nossa irmã. Às vezes, não progredimos no caminho de comunhão, porque tememos a graça da reconciliação, mais do que o próprio inimigo. Tememos encontrar-nos envolvidos por Deus, pelo dom da graça, a tornar-nos amigos de nossos inimigos. Porque os inimigos permanecem longe de nós, o amigo, em vez, entra para fazer parte de nossas vidas. Eis que, nas comunidades e entre os superiores da Ordem, muitas vezes, não se reza pela reconciliação, porque sabemos que esta é a oração que Deus sempre ouve, então o outro que nos era hostil, se torna nosso familiar e não podemos mais livrar-nos dele.

Acolher a reconciliação é a necessidade mais ardente da humanidade, do mundo de hoje. Portanto, quem se deixa reconciliar com o outro, renova o mundo inteiro. E o fato que a reconciliação e o perdão são uma graça que Deus nos quer dar, nos torna ainda mais responsáveis.

Uma experiência de comunhão como aquela que fizemos nestes dias, nos liberta do temor de nos tornar, realmente, amigos, irmãos e irmãs uns dos outros, e isto dá início ao processo de vida mais bonito e fecundo que o Ressuscitado pode provocar em nós e entre nós.

Perdoem, portanto, meus temores, perdoemo-nos os temores que temos uns dos outros, e continuemos o nosso caminho cada vez mais juntos, rezando, de coração, uns pelos outros!

Obrigado a Deus e a vocês todos por estes dias, bom retorno a ...Jerusalém, onde Jesus vos aparecerá sempre de novo e, saúdem e abraçam, de coração, de minha parte, todos os vossos irmãos e irmãs!

*Ir. Mauro-Giuseppe
Abade Geral*